

A IMPORTÂNCIA DAS EMOÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: UMA ABORDAGEM NEUROPSICOPEDAGÓGICA

Lenise Freitas Borges¹

RESUMO

Sabidamente, no século XXI, a escola depara-se com uma demanda de aprendentes que evidenciam capacidades diferentes de aprender, assim como também demonstram estados emocionais heterogêneos, que quando não compreendidos, interferem diretamente no processo de aprendizagem. Hoje, sabe-se que a prática pedagógica deve levar em conta que os educandos não são apenas seres escolares, mas sim seres sociais e emocionais, que por sua vez, carregam consigo toda uma bagagem, repleta de conhecimentos prévios, histórico familiar, anseios, frustrações e muitas vezes, medo de abrir-se para o mundo novo que a escola pode proporcionar. Partindo dessa realidade, o presente trabalho tem por objetivo refletir o processo de aquisição do conhecimento a luz das intervenções neuropsicopedagógicas. Portanto, apresentaremos um estudo de revisão bibliográfica acerca do conceito da Neuropsicopedagogia, relacionando-a ao estudo das Emoções e sua ligação com o processo de Aprendizagem.

Palavras-chave: neuropsicopedagogia; aprendizagem; emoções.

THE IMPORTANCE OF EMOTIONS IN THE LEARNING PROCESS: A NEUROPSYCHOPEDAGOGICAL APPROACH

ABSTRACT

It is well known that in the 21st century, the school faces a demand for learners who show different abilities to learn, as well as demonstrate heterogeneous emotional states, which when not understood, directly interfere with the learning

¹ Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción. Graduada em Letras pelo UNIFIEO. Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción; Graduada em Letras pelo UNIFIEO; Graduada em Pedagogia pela UNINOVE. Pós-graduada em Língua Portuguesa pela Faculdade São Luís. Graduada em Pedagogia pela UNINOVE; Pós-graduada em Língua Portuguesa pela Faculdade São Luís; Pós-graduada em Neuropsicopedagogia pela Faculdade São Luís. E-mail: enisebf2@hotmail.com

process. Today, it is known that the pedagogical practice must take into account that learners are not only school beings, but social and emotional beings, who, in turn, carry a whole baggage, full of previous knowledge, family history, longings, frustrations and often fear of opening up to the new world that school can provide. From this reality, the present work aims to reflect the process of knowledge acquisition in the light of neuropsychopedagogic interventions. Therefore, we will present a literature review study about the concept of Neuropsychopedagogy, relating it to the study of Emotions and its connection with the Learning process.

Keywords: neuropsychopedagogy; learning; emotions.

1. INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem não se resume a uma simples interação entre professor e aluno. Hoje sabemos que esse processo está ligado a fatores emocionais que podem ou não favorecer a aquisição do saber.

Para Goleman (1995, p. 20) “todas as emoções são, em essência, impulsos para lidar com a vida que a evolução nos infundiu.” Portanto, a partir desse pensamento, explicitaremos neste trabalho, o conceito das emoções relacionadas às práticas de ensino e aprendizagem, amparada sob a luz da Neuropsicopedagogia, que como ciência transdisciplinar vem possibilitando a docentes e discentes a melhor compreensão acerca das atividades cerebrais no processamento da aprendizagem.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, o presente artigo objetiva refletir sobre a nova demanda de educandos do século XXI, que cada vez mais, demonstram aprender de maneiras diferentes, necessitando, portanto, de um novo olhar para os aspectos contemporâneos relacionados à aquisição do conhecimento. Além disso, buscaremos, através deste trabalho, subsidiar a prática do Neuropsicopedagogo no âmbito de escolarização, de maneira a

repensar intervenções e estratégias emocionais que viabilizem o ensinar e o aprender.

Santos (2000, p. 22) acredita que “a educação com objetivos exclusivamente cognitivos tem se mostrado insatisfatória, pois, apesar de tantos avanços tecnológicos, da televisão, de computadores e, multimídia utilizados no processo educacional, as novas gerações têm mostrado crescente falta de competência emocional e social”. Dessa forma, compreender o ser aprendiz dentro de um contexto novo de aprendizagem é de extrema importância para o professor e para o Neuropsicopedagogo, por isso a escolha do tema se justifica pela carência de se meditar acerca das emoções como um fator extremamente relevante para o sucesso da prática pedagógica.

2. NEUROPSICOPEDAGOGIA: UMA CIÊNCIA EM ASCENSÃO

O contexto educacional da atualidade apresenta novas demandas metodológicas e organizacionais, uma vez que há uma série de fatores contemporâneos que exigem da educação um olhar mais atencioso e inclusivo. Dentre esses fatores, destacam-se as novas posturas de alunos, novas composições familiares e novos estímulos tecnológicos. Tais fatores contribuem para transformações na sociedade e conseqüentemente, nas relações humanas, bem como para a aprendizagem, que caminha cada vez mais para o processo autônomo, haja vista que o ato de aprender não está mais intrinsecamente ligado a um mediador do conhecimento ou a um professor.

Diante desse cenário, a Neuropsicopedagogia surge com um olhar sensível e atento às novas perspectivas, uma vez que favorece o entendimento da aprendizagem humana, de maneira a contemplar as distintas ciências que

vão ao encontro da nova demanda educacional, concebendo o indivíduo como um ser único, munido de conhecimentos prévios e com capacidades diferentes de aprender.

A Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia, em seu código de ética, no artigo 10, define a Neuropsicopedagogia como “ciência transdisciplinar fundamentada nos conhecimentos da neurociência aplicada à educação, com interfaces na Psicologia e Pedagogia que tem como objeto formal de estudo a relação entre o funcionamento do sistema nervoso e a aprendizagem humana.” (SBNPP,2018a)

A Neuropsicopedagogia é uma ciência que estuda o sistema nervoso e como ele opera nas distintas formas de aprender. Profusamente falando, trata-se da inter-relação entre a Neurociência, a Psicologia cognitiva e a Pedagogia.

Cosenza e Guerra (2011, p.142) entendem que “As neurociências estudam os neurônios e suas moléculas constituintes, os órgãos do sistema nervoso e suas funções específicas, e também as funções cognitivas e o comportamento que são resultantes das atividades dessas estruturas.”

Já a Psicologia cognitiva, bastante influente na Neuropsicopedagogia, define-se como ciência que permite entender como os indivíduos aprendem e como se dá o funcionamento da memória e sua utilização no processo de desenvolvimento humano. Neisser definiu a Psicologia cognitiva como “o estudo de como as pessoas aprendem, organizam, armazenam e utilizam o conhecimento.” (STERNBERG, 2010, p. 10).

A Pedagogia compreende-se no estudo da educação e o processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, engloba-se técnicas de ensino, didática e metodologias que permitem atender a aprendizagem em contexto escolar e acadêmico. De acordo com Libâneo:

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. (2001, p.6)

De posse do conhecimento dessas três ciências supracitadas, é possível perceber que as três áreas juntas fomentam a necessidade de entender o funcionamento da aprendizagem ligada à compreensão dos comportamentos e às práticas pedagógicas utilizadas com a finalidade de melhorar o quadro de aprendizagem do indivíduo.

Cada uma das áreas que norteiam a Neuropsicopedagogia não pode ser entendida como “especialização da área da neuropsicologia e da psicopedagogia, embora ela tenha a sua base no estudo do funcionamento do cérebro e o comportamento humano, tem seus alicerces de sua prática nas teorias da aprendizagem humana e nas estratégias para o ensino-aprendizagem.” (RUSSO,2015, p.17)

A neuropsicopedagogia oferece dois campos de atuação, sendo eles, o campo clínico e o campo institucional, nos quais os profissionais destes campos são regidos pelas normativas estabelecidas pela Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia (SBNPp), que por sua vez determina:

Art 30º. Ao Neuropsicopedagogo com formação clínica, conforme descrito no capítulo V, fica delimitada sua atuação com atendimentos neuropsicopedagógicos individualizados em setting adequado, como consultório particular, espaço de atendimento, posto de saúde, terceiro

setor. Os atendimentos em local escolar ou hospitalar devem acontecer de forma individual e em local adequado.

O Neuropsicopedagogo, como um profissional que tem entendimento e habilitação para atuar no campo escolar, é de fundamental importância para mediar o processo de ensino-aprendizagem, agindo como um facilitador do conhecimento, auxiliando na identificação de transtornos que inviabilizam o ato de aprender. Dessa forma, o profissional pode agilizar a identificação de transtornos, adequar práticas didáticas que favoreçam a aprendizagem e até mesmo, orientar devidos encaminhamentos a profissionais de outras áreas da ciência, quando for necessário.

3. A APRENDIZAGEM E AS EMOÇÕES

A emoção define-se como uma ação ou estado preparatório do organismo para determinadas reações do corpo. Pinto (2001) defende que “a emoção é uma experiência subjetiva que envolve a pessoa toda, a mente e o corpo.”

Sobre a definição de emoção, Goleman (1997) afirma “Quanto a mim, interpreto emoção como referindo-se a um sentimento e aos raciocínios aí derivados, estados psicológicos e biológicos, e o leque de propensões para a ação. Há centenas de emoções, incluindo respectivas combinações, variações, mutações e tonalidades”.

O ser humano é um ser social e afetivo, necessita naturalmente estabelecer vínculos afetivos para se relacionar com o outro e com o ambiente. Dessa forma, em âmbito escolar, não é diferente. Para que o indivíduo aprenda de maneira efetiva, é necessário desenvolver o sentimento de pertença ao objeto

de estudo, ou seja, o aprendente desenvolve melhor a assimilação do conhecimento, quando ele se sente motivado e impulsionado pelo estudo.

Salovey & Mayer (2000) afirmaram que a emoção estava ligada à “capacidade de perceber e exprimir a emoção, assimilá-la ao pensamento, compreender e raciocinar com ela, e saber regulá-la em si próprio e nos outros.”

Como seres dotados de experiências emocionais que nos tornam únicos, levamos conosco bagagem de conhecimentos prévios entrelaçados em vivências e emoções que permitem o armazenamento do conhecimento em nosso cérebro. Portanto, pode-se dizer que a emoção é responsável por ativar as áreas neuronais da cognição, atenção, raciocínio e memória.

Conforme diz Rodrigues (2013, p.22), o lócus das emoções é o cérebro, que por sua vez, possui áreas e estruturas responsáveis pelo circuito de controle emocional, chamados de lobos frontais, a amígdala cerebral e o hipocampo.

A amígdala mede em torno de 1,5cm³ e atua de maneira decisiva perante emoções apreensivas como as fobias. Ao Hipocampo, cabem as funções da memória e alusões a variados contextos. Por outro lado, aos Lobos frontais, conhecidos como centro executivo cerebral, compete a responsabilidade pelo controle das emoções.

Para desempenhar tarefas escolares ou acadêmicas, o aprendente faz uso da memória de curto prazo, responsável pelo armazenamento de dados e conhecimentos assimilados em curto período. Esse conhecimento armazenado pode ser retido e tornar-se memória de longo prazo, para que isso ocorra, é necessário que esse conhecimento seja entendido como algo relevante para futuras experiências ao longo da vida.

Ao relacionarmos a memória de longo prazo com o processo de aprendizagem, é nítido perceber que para que o aprendiz retenha as

informações processadas, faz-se necessário que o conhecimento desperte no indivíduo algum significado, uma vez que, o quanto maior for a motivação por determinado tema, maior será sua capacidade de assimilação e aquisição do saber. No entanto, quando o contrário ocorre, ou seja, um fato provoca uma forte recusa ou carga emocional negativa, falhas temporárias na concentração podem inviabilizar o processo de aprendizagem.

Portanto, é muito importante que as emoções sejam administradas de forma equilibrada e saudável, de modo a propiciar aprendizagens deleitosa e indispensável para o desenvolvimento cognitivo de todo educando.

4. AS EMOÇÕES SOB O ENFOQUE NEUROPSICOPEDAGÓGICO

Ao falarmos em emoção e cognição, exploramos dois elementos que são indissociáveis, ratificando a importância das emoções na aprendizagem. Vygotsky, autor soviético, mostrou-se sensível às constituições emocionais humanas para a aprendizagem, pois afirmou que cabe ao professor a tarefa de relacionar a emoção positiva ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, não basta fazer com que o aluno aprenda, é preciso despertar no aprendente a capacidade de sentir o conteúdo, relacionando-o às emoções.

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo. (VIGOTSKI, 2001, p. 139).

Com a finalidade de propiciar um modelo teórico que compreenda o educando como um ser único, Leite (2012) relaciona a postura do professor como fator de grande influência no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando a necessidade de contextualizar os objetivos das aulas propostas, considerando o conhecimento prévio do educando e ainda obedecendo a uma sequência lógica que favoreça a construção do saber. Sobre esse aspecto, Leite (2012) orienta ainda que é durante o desenvolvimento das atividades que se estabelecem as demonstrações afetivas, por isso as escolhas do professor devem ser coerentes e adequadas, de modo a favorecer as avaliações dos alunos e contribuir para a busca permanente de reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Cunha (2012), é comum a escola receber diariamente alunos com baixa autoestima, seja por frustrações ou somatizações que os aprisionam, no entanto, para o Professor ou Neuropsicopedagogo, esse quadro emocional não pode ser determinante para o futuro do educando. “Quando trabalhamos com as emoções na escola, o objetivo maior é a prevenção, gerar fatores de proteção psíquica a fim de impedir que o problema emocional se instale” (RODRIGUES, 2013, p.105).

Em alguns casos, a baixa autoestima é desencadeada por fatores biológicos, porém, conforme afirma Cunha (2012), a biologia não pode ser vista como destino, pois as estruturas e padrões de atividades cerebrais também são submetidas a estímulos e não somente a características biológicas. Portanto a escola deve ser um local de constante estímulo e interação entre professor/aluno e conhecimento.

Mahoney e Almeida (2005) alertam que as deficiências afetivas no ambiente escolar, interferem diretamente no processo de ensino-aprendizagem

podendo causar no aluno o descompromisso com o saber e no professor a insatisfação ou mesmo a síndrome de *Burnout*, conhecida como um estresse laboral comum em profissionais da área da educação e da saúde.

Cunha (2012) afirma que em muitos casos, o insucesso da aprendizagem está ligado à ausência de afetividade, por isso, é papel da escola e do Neuropsicopedagogo identificar e avaliar as situações que desfavorecem a aquisição do saber, porém esta busca por respostas deve ser feita sem apontar culpados, mas sim, como uma investigação que terá o objetivo de contribuir positivamente para o desenvolvimento tanto do educando, quanto da fluência no trabalho pedagógico do professor. “Em sala de aula, é possível aferir que as dificuldades de aprendizagem são um solo fértil para disseminar as possibilidades por meio do afeto” (CUNHA, 2012, p. 66).

No contexto escolar, muitas vezes, razões pessoais interferem no aprendizado, dessa forma, a figura do profissional Neuropsicopedagogo é de extrema importância para mediar as questões emocionais e pedagógicas. No trabalho em sala de aula, é possível que o educador, sob as devidas orientações, crie situações de emoções positivas entre seus alunos, por meio de atividades e posturas que resultem o sentimento de satisfação, gentileza, amparo e acolhimento. “Esses valores devem vir antes de qualquer ensino. Educar não consiste apenas em passar conhecimento acadêmico, porque a vida é demasiadamente afetiva para ser deixada fora da escola”. (CUNHA, 2012, p.87)

Rodrigues (2013) nos lembra que sentimentos e comportamentos são duas coisas distintas. A fim de trabalhar as emoções de maneira positiva em sala de aula ou em atendimento neuropsicopedagógico, a autora sugere algumas atividades para trabalhar as emoções positivas. Por exemplo, “Amigo secreto das qualidades”, em que ao descrevermos o amigo secreto, utilizamos uma lista

de qualidades positivas para adivinhar de quem se trata. Essa brincadeira gera efeito positivo, pois o indivíduo compreende-se dentro de uma série de qualidades boas que despertam a sua satisfação.

A contação de histórias também é um recurso que ajuda as crianças a identificarem-se com as forças pessoais dos personagens, vivenciando experiências em seu imaginário e ainda possibilitando a reflexão acerca das diversas situações da realidade. “Ouvir história é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos” (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 242).

A autora ainda sugere que fazer o bem desperta o bem em nós mesmos, portanto iniciativas de Doação de brinquedos também favorecem o desenvolvimento do sentimento de solidariedade ao próximo.

Por fim, aponta que a “Arte-educação” também tem um papel importante, pois através de atividades de pintura, recorte e colagem, música e teatro, a criança exercita sua linguagem artística, aprendendo a trabalhar com conflitos e emoções de forma saudável.

CONCLUSÃO

Em uma era em que a escola deixou de ser apenas um local de reprodução de conhecimento, mas de interação entre o saber e a realidade que nos cerca, é de fundamental importância repensarmos as práticas pedagógicas de modo a ressignificar a aprendizagem. Compreender o indivíduo como um ser em formação não só escolar, mas também em crescimento emocional e social, faz com que olhemos o aprendente como um ser humano dotado de complexidades e diferenças que as tornam único.

Amparados em autores supracitados ao longo deste trabalho, vimos que muitas vezes o insucesso escolar é desencadeado por fatores emocionais que inviabilizam tanto a prática pedagógica, quanto o processo de aquisição do conhecimento. Não queremos dizer com isso, que a emoção determina o grau de inteligência do indivíduo, mas reconhecer o fator afetivo na prática em sala de aula é reafirmar a educação como uma atividade humanista e social.

Portanto, aliar o processo de aprendizagem às emoções do educando faz toda diferença na interação professor e aluno. É preciso, através de estratégias adequadas, valorizar a afetividade no processo de ensino. Para isso, o Neuropsicopedagogo, como um profissional preparado para identificar problemas emocionais que afetam diretamente a aprendizagem, pode desempenhar um papel muito importante de auxiliar o professor a repensar sua prática e intervir de maneira efetiva em sala de aula, garantindo ao professor e aluno um processo interacional muito mais eficaz para o desenvolvimento do educando e para o aprimoramento da atividade pedagógica.

REFERÊNCIAS

COSENZA, Ramon. M.; GUERRA, Leonor. B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e Aprendizagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, Daniel, **Inteligência Emocional**. n.a., Temas e Debates, 1997.

LEITE, Sérgio. A.S. **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Temas em Psicologia, v.20, n.2, p.355-368, 2012.

LIBÂNEO, José. C. **Pedagogia e pedagogos**: inquietações e buscas. n.17. Editora UFPR, 2001.

MAHONEY, Abigail A; ALMEIDA, Laurinda R. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da Educação, São Paulo, n.20, p.11-30, 1º sem. 2005.

PINTO, Amâncio da Costa, **Psicologia Geral**. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

SALOVEY, P e MAYER, J.D. **Selecionando uma medida da Inteligência Emocional**: O argumento para testar as habilidades. São Paulo: Objetiva, 2000.

SANTOS, Jair de Oliveira. **Educação Emocional na Escola**: a emoção na sala de aula. 2 ed. Salvador, 2000.

SBNPP – Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia. **Código de ética técnico profissional da Neuropsicopedagogia**. Disponível em: <<https://sbnpp.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Codigo-de-etica-atualizado-2016.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2019.

SOUZA, L. O; BERNARDINO, A. D. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Educere et Educare. Cascavel. Vol. 6, n. 12, jul./dez. 2011, p. 235-249

STEMBERG, Robert. J. **Psicologia cognitiva**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

RODRIGUES, Miriam. **Educação Emocional Positiva**: saber lidar com as emoções é uma importante lição. São Paulo: All Print Editora, 2013.

RUSSO, R. M. T. **Neuropsicopedagogia clínica**: introdução, conceitos, teoria e prática. Curitiba: Juruá, 2015.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.